

O PROJETO PIN NA INCLUSÃO SOCIAL: PIANO EM GRUPO NA TERCEIRA IDADE – UM RELATO

Raphaela Stephanny Gatto Batista – Universidade Estadual de Maringá

Alfeu Rodrigues de Araújo Filho – Universidade Estadual de Maringá

E-mail: ra131833@uem.br

Resumo:

O presente artigo apresenta um relato sobre o impacto da inclusão social proporcionada pelo curso “Piano em Grupo” voltado para a faixa etária da terceira idade. Esta ação de extensão ocorre no “Laboratório de Pianos Digitais” localizado no Departamento de Música e Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá, representando uma importante ação pedagógica do Projeto de Extensão PIN (Piano como INstrumento de INformação, INclusão e INterdisciplinaridade), coordenado pelo Prof. Dr. Alfeu Rodrigues de Araujo Filho. O curso tem como proposta introduzir os participantes à alfabetização musical e aos primeiros passos na execução instrumental. Além do aprendizado técnico e interpretativo, o ambiente coletivo fortalece importantes aspectos sociais através da troca de saberes e experiências, fortalecendo o senso de pertencimento e o estímulo à auto-estima, entre outros benefícios. Os resultados obtidos ratificam a importância de ações artísticas na qualidade de vida do público da terceira idade. Fatores musicais como consciência corporal, estratégias de percepção dos fenômenos musicais, aprendizado da audição diferenciada e, principalmente, o convívio coletivo enfatizam o valor das propostas pedagógicas trabalhadas e desenvolvidas.

Palavras-chave: Piano em grupo; Inclusão social; Terceira idade; Experiência.

1. Introdução

Raphaela Stephanny Gatto Batista é discente do curso de Bacharelado em Música na habilitação em instrumento (piano) da Universidade Estadual de Maringá. Em 2024/2025 foi ministrante do curso de piano coletivo para a terceira idade, concatenando as ações do Projeto Pedagógico do Curso de Música com as ações

de extensão, programadas e organizadas através das disciplinas curricularizadas, coordenadas pelo Prof. Alfeu Rodrigues de Araújo Filho.

No Brasil, o ensino do piano em grupo (EPG) teve sua origem na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), em meados da década de 1970, através do curso “Especialização em Ensino de Piano em Grupo” pela professora precursora Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves (1924-2015). O objetivo era oferecer novas perspectivas de aprendizagem musical baseado no ponto de partida da referida professora: “o aprendizado em grupo torna-se importante na medida em que é dinâmico, motivador, econômico, atraente e divertido” (Gonçalves 1986, p.1 *apud* Moreira et al., 2019).

Neste contexto, além do ensino sobre a técnica básica de piano aos idosos, o curso oferece ferramentas interdisciplinares, proporcionando o bem estar social, o autoconhecimento corporal e emocional, o processo de inclusão, o estímulo à auto-estima, a educação auditiva, superando uma diversidade de desafios através dos fenômenos musicais.

A relevância desta proposta está relacionada em como o ensino da música proporciona o pertencimento social através do olhar inclusivo, requisito importante no contexto contemporâneo em função do envelhecimento populacional, assim como os desafios emocionais e cognitivos enfrentados por pessoas idosas.

2. Metodologia

Raphaela Stephanny Gatto Batista e Thaylisi Alves Batista foram as ministrantes do referido curso, discentes do Bacharelado em Música – Habilitação em Instrumento (Piano) e participantes ativas do Projeto de Extensão PIN.

O trabalho ocorre no “Laboratório de Pianos Digitais” com nove pianos elétricos que possibilitam o desenvolvimento das práticas de ensino coletivo, permitindo a participação de até nove integrantes, porém, no presente momento (turma de 2025), contamos com um total de sete participantes.

A organização metodológica dialoga com o conteúdo programático desenvolvido pelas ministrantes em contínuo diálogo com os objetivos e as necessidades das alunas idosas, desenvolvendo uma abordagem diversificada de aprendizados, como: alfabetização musical; educação sonora; notação musical;

geografia de piano; construção da consciência corporal; apreciação musical; troca dos saberes; convivência; inclusão; pertencimento social, entre outros.

Os planos de aula foram desenvolvidos semanalmente pelas ministrantes com orientação do coordenador do projeto. Dentre as atividades, citamos: processo de musicalização ligados aos elementos contidos na partitura (ritmo, melodia, dinâmica, entre outros); leitura musical através de obras selecionadas dos seguintes métodos: "Meu Piano é Divertido", "Alfred's Basic Piano Adult" e "Mário Mascarenhas"; apreciação musical, trabalhando o senso perceptivo e construindo a escuta seletiva, sendo a dupla de discentes os pontos de apoio e os/as participantes, protagonistas de seus processos.

Quando atitudes de autenticidade, respeito pelo indivíduo e compreensão do mundo particular do estudante estão presentes, eventos empolgantes acontecem. A recompensa está não apenas em notas, aquisição de leituras e similaridades, mas também em qualidades mais fugidias, como um aumento na autoconfiança, uma criatividade maior e mais afeto por outras pessoas. Em suma, uma sala de aula desta espécie leva a uma aprendizagem positiva, unificada, pela pessoa inteira (Rogers; Rosemberg, 1977, p. 154).

3. Resultados e Discussão

Ao longo das aulas, além da construção do conhecimento musical e do desenvolvimento da motricidade ao piano, houve um progresso significativo em diferentes aspectos, como: o senso de pertencimento; a troca de conhecimentos e informações; a superação de obstáculos; o aumento da motivação, assim como a melhora da auto-estima, configurando o desenvolvimento cognitivo, humano e social dos/as participantes. Segundo Souza (2002, p. 876 apud Araújo Filho, 2022, p. 271):

O idoso tem opiniões formadas e conceitos cristalizados. Ele, muitas vezes, não acredita no poder vital de suas potencialidades e capacidades, que podem ser desenvolvidas nesta etapa de sua vida. Por vezes, o idoso acredita que sua vida não terá mais transformação. [...] A partir da música, ele poderá cantar suas dores e amores, suas perdas e ganhos, reconhecendo-se em seu fazer musical. Dessa forma, elabora conteúdos internos, afetivos e emocionais, num processo contínuo de estruturação e ordenação, mas, ao mesmo tempo, de maleabilidade e descobertas.

Nesta perspectiva, quebra-se o estigma social relacionado ao envelhecimento e o ensino de instrumento, demonstrando que pessoas idosas são capazes de

aprender e desenvolver habilidades cognitivas, perceptivas e motoras, pois, “o homem não é um ser especializado, e, portanto, não há um comportamento que não seja capaz de adquirir, devidamente orientado” (Kaplan, 1987, p.12).

4. Considerações

O curso permitiu, de forma democrática e inclusiva, que todos/as os/as participantes tivessem contato com a alfabetização musical e o conhecimento do piano.

A prática coletiva contribuiu com o senso de pertencimento e inclusão social, ratificando que as ações do Projeto PIN, além de seu olhar pedagógico na valorização do ensino/aprendizado, trabalham na direção de construir ambientes de respeito, valorização e participação ativa da terceira idade, contribuindo em ressignificar o papel dos idosos na sociedade ao evidenciar que o envelhecimento pode ser vivido com criatividade, dignidade e participação social.

Referências

ARAÚJO FILHO, Alfeu Rodrigues de. Extensão universitária: origem, metodologia e ações do projeto PIN no processo de educação e formação musical na sociedade contemporânea. **Revista Concilium**, v. 22, n. 6, p. 264-273, 2022.

KAPLAN, José Alberto. **Teoria da Aprendizagem Pianística: uma abordagem psicológica**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1987.

MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gaborim; MENDES Luciana Cavalcanti Borges; LIMA Patrícia Kettenhuber de; SILVA Vanessa Araújo da. **A iniciação musical da criança pelo ensino coletivo de piano: considerações psicopedagógicas**. In: XIV Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais, 2019.

ROGERS, Carl R; ROSEMBERT, Rachel. **A pessoa como centro**. São Paulo: E. P. U., 1977.

SOUZA, Cristiana Miriam S. e; LEÃO, Eliane. **Terceira idade e música: perspectivas para uma educação musical**. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), Brasília, p. 56-60, 2006.